

Brown J. *Influenza: The Hundred Year Hunt to Cure the Deadliest Disease in History*. Nova York: Atria Books; 2018.

Giovanna Marchetti Bataglia

(<https://orcid.org/0000-0002-5727-960X>)¹

Carla Jorge Machado

(<https://orcid.org/0000-0002-6871-0709>)²

¹ Faculdade de Farmácia, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte MG Brasil.

² Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte MG Brasil.

No centenário da pandemia de influenza (ou gripe) de 1918, o evento mais letal da história¹, artigos revisitam a pandemia, e refletem sobre prognóstico da letalidade e mortalidade de uma epidemia por influenza^{1,2}; evolução da imunidade do hospedeiro frente à doença²; perspectivas de vacinação em populações especiais³. Aos que se interessam por um artigo mais abrangente podem se beneficiar da revisão publicada em 2019 por Nickol e Kindrachuk⁴, e detalhamento, devem se debruçar sobre a obra *Influenza: The Hundred Year Hunt to Cure the Deadliest Disease in History*, do médico de emergência Jeremy Brown, que atua nos Estados Unidos da América. A obra é indicada a vários públicos. Mesmo com muitos detalhes sobre mapeamento genético dos vírus, métodos diagnósticos e medicamentos, a recuperação da história da pandemia frente à situação atual da gripe é ponto de partida para futuras leituras de um público menos especializado, abrindo caminho para o avanço do conhecimento. Já para o público mais especializado e da área da saúde, a obra surge como oportunidade de visitar cem anos de pandemia, sob a ótica de alguém da área do pronto atendimento, que precisa de respostas rápidas a pacientes sintomáticos, que por vezes procuram o serviço de saúde já muito doentes.

Os temas principais são: descoberta do vírus que causou a pandemia de 1918, vacinas e mutações virais, coleta de dados, necessidade de previsão de epidemias. Aborda ainda o lobby da indústria farmacêutica – com enfoque no caso do Tamiflu em 2005.

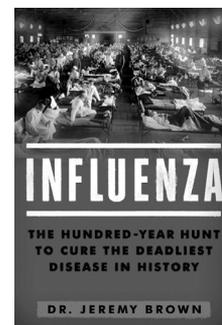
O primeiro capítulo – *Enemas, bloodletting, and whiskey: treating the flu* – faz um paralelo entre a eficiência dos métodos no início do século e a dos atuais, os clínicos e os chamados ‘domésticos’, concluindo que, apesar do avanço da medicina moderna, a cura para a gripe não foi encontrada. O Capítulo 2 – *The Jolly rant: a history of the virus* – trata das especificidades dos vírus – que podem se tornar novos e irreconhecíveis ao sistema imune, desafiando a produção de vacinas. O Capítulo 3 – *Something fierce: the Spanish Flu of 1918* – aborda origem do nome, tratamentos, mortalidade,

e tentativas dos estudiosos em descobrir a razão de tamanha letalidade da gripe espanhola.

A obra se aprofunda a partir do Capítulo 4 – *Am I gonna die?: round one, two, three and four* – e apresenta as epidemias de gripe de anos mais remotos aos mais recentes, indicando as especificidades destas, com ênfase no H2N2. Enfoca a pandemia de 2009, com rapidíssima capacidade de alastramento, mas Brown enfatiza que a recuperação ocorreu para a maioria dos infectados sem precisar de tratamento médico e relata o que considera o efeito mais duradouro da pandemia de gripe, qual seja, a confusão da população: embora documentos oficiais previssem inverno perigoso e a mídia noticiasse mortes frequentemente, o surto viral não foi mais nem menos letal do que outras gripes comuns. Houve, ainda, acusações que o número de mortes divulgado era exagerado: sobre esse aspecto, editora de periódico reportou que as mensagens que circulavam sobre a alta letalidade da pandemia de 2019 estava associada a interesses da indústria farmacêutica para que esta pudesse vender seus medicamentos no mercado, e que alguns profissionais da Organização Mundial de Saúde eram coniventes com isso, para desconforto geral. Para Brown mesmo com o acúmulo do conhecimento científico sobre a gripe, inadequações de políticas públicas preventivas e de resposta, além da reação da mídia, são obstáculos para o combate efetivo do vírus. Contudo, lacuna da obra é não tratar de gastos diretos e indiretos decorrentes da epidemia, pois ganhos em relação à mortalidade não significaram menores dispêndios para o sistema de saúde em áreas onde as populações foram acometidas pela pandemia de 2019⁴. Assim, a gripe pode não ter sido mais mortal, mas causou impactos negativos nas populações em termos de seus indicadores de morbidade, incapacidade e saúde em geral.

O Capítulo 5 – *Ressurrecting the flu* – analisa estudos do sequenciamento genético do vírus de 1918. Um dos maiores estudiosos da gripe espanhola, Jeffery Taubenberger, subdivide a epidemia de 1918 em ondas e aponta que a identificação de um caso de RNA positivo para influenza da primeira onda poderia indicar uma base genética para a virulência, permitindo que diferenças nas sequências virais pudessem ser destacadas⁵. A identificação de amostras de RNA da gripe humana anteriores a 1918 ajudaria pesquisadores a compreender o momento da emergência do vírus de 1918, lançando luz a todas as pandemias de gripes⁵.

O Capítulo 6 – *Data, intuition and other weapons of war* – traz impressões do autor como médico de emergência. Brown não considera comum em pronto atendimento solicitar exames em caso de gripe: histórico do paciente e sintomas são mais impor-



tantes para o diagnóstico. Para o autor os dados não servem para solucionar surtos e epidemias imediatas, mas sim para epidemiologias que precisam de previsão. Nesse ponto, falta clareza sobre a função e o papel da vigilância epidemiológica, que atua em momentos de crise, sendo esta visão um equívoco: em sua lógica imediatista, o autor não compreende que dados do passado podem levar a controle de epidemias futuras. Nesse ponto as ideias do autor se contradizem, pois o próprio Brown dedica boa parte do livro à compreensão de uma epidemia remota. Assim, tal capítulo deve ser lido criticamente. Ademais, é interessante a incursão sobre as iniciativas que tentaram prever a gripe, como o *Google Flu Trends*, assunto pouco explorado em artigos científicos.

O Capítulo 7 – *Your evening flu forecast* – trata da suposta sazonalidade da influenza. Esse assunto é controverso e Brown é didático, argumentando que a doença ser sazonal causaria a falsa impressão de segurança em determinadas épocas do ano. No Brasil, autores também vão além da sazonalidade e discutem a gripe conjuntamente à estrutura sanitária no país, trazendo visão abrangente de necessidade de vigilância permanente e de resposta articulada dos governos nos vários tipos de gripe (sazonais ou não)⁶.

O Capítulo 8 – *The fault in our stockfiles: tamiflu and the cure that wasn't there* – aborda os medicamentos, desde o peramivir até o tamiflu, explicitando questões como a aprovação dessas drogas, efeitos colaterais, e questões éticas: para o autor, o impulso para estocar o Tamiflu surgiu de uma recomendação provavelmente tendenciosa ligada a interesses comerciais. Brown analisa profundamente as questões científicas referentes a este medicamento e conclui que o que se sabe é que os antivirais, em geral, parecem proteger alguns camundongos se administrados precocemente. Na sequência, o Capítulo 9 – *The hunt for a flu vaccine* – avança na procura pela vacina, situando a gripe frente a outras doenças infecciosas mais facilmente controladas pela imunização. Brown sugere ser difícil uma única. De fato, se o objetivo for uma vacina universal contra a gripe que cubra todas as cepas de influenza, novo método de engenharia de vacinas, ainda inexistente, é necessário⁷. Tal vacina teria efeito neutralizante, inibindo, assim, a infecção⁷.

O Capítulo 10 – *The business of flu* – trata de aspectos econômicos referentes à influenza. Ex-

plica como certos setores se beneficiam da gripe, como farmácias e funerárias, e a própria indústria farmacêutica. Contudo, a gripe é inequivocamente danosa a toda a sociedade e o custo estimado de um grave surto de gripe nos Estados Unidos, por exemplo, seria de 20 a 25 bilhões de dólares⁸.

No epílogo, o autor sugere que a memória coletiva da epidemia de 1918 deve ser resgatada, pois o que suscita que os indivíduos permaneçam alertas na prevenção de uma doença é a capacidade da sociedade em compreender seus impactos, e de avaliar o que funcionou no passado para conseguir lidar com o presente, projetando o futuro. Nesse ponto, observa-se referência constante ao passado e ao futuro, feita por um médico de emergência, que lida essencialmente com o presente. A leitura é desafiadora, mesmo porque o próprio autor se envolve com suas concepções de necessidades imediatas e às vezes se perde em alguns argumentos. Por isso, o livro se torna interessante, devendo ser apreciado com leveza e criticamente.

Referências

1. Shanks GD, Wilson N, Kippen R, Brundage JF. The unusually diverse mortality patterns in the Pacific region during the 1918-21 influenza pandemic: reflections at the pandemic's centenary. *Lancet Infect Dis* 2018; 18(10):e323-e332.
2. Francis ME, King ML, Kelvin AA. Back to the Future for Influenza Preimmunity-Looking Back at Influenza Virus History to Infer the Outcome of Future Infections. *Viruses* 2019; 11(2):122.
3. Edwards K, Lambert PH, Black S. Narcolepsy and Pandemic Influenza Vaccination: What We Need to Know to be Ready for the Next Pandemic. *Pediatr Infect Dis J* 2019; 38(8):873-876.
4. Nickol ME, Kindrachuk J. A year of terror and a century of reflection: perspectives on the great influenza pandemic of 1918-1919. *BMC Infect Dis* 2019; 19(1):117.
5. Taubenberger JK, Morens DM. 1918 Influenza: the mother of all pandemics. *Emerg Infect Dis* 2006; 12(1):15-22.
6. Costa LMC, Merchan-Hamann E. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. *Rev Pan-Amaz Saude* 2016; 7(1):11-25.
7. Mohn KG, Zhou F. Clinical Expectations for Better Influenza Virus Vaccines-Perspectives from the Young Investigators' Point of View. *Vaccines (Basel)* 2018; 6(2):32.
8. Tempia S, Moyes J, Cohen AL, Walaza S, Edoka I, Mc-Morrow ML, Treurnicht FK, Hellferscee O, Wolter N, von Gottberg A, Nguweneza A, McAnerney JM, Dawood H, Variava E, Cohen C. Health and economic burden of influenza-associated illness in South Africa, 2013-2015. *Influenza Other Respir Viruses* 2019; 13(5):484-495.